

Bird: dívida fez a América Latina perder uma década

JOSÉ MEIRELLES PASSOS
Correspondente

WASHINGTON — Ao antecipar à imprensa internacional, na última sexta-feira, o informe "A Dívida Externa dos Países em Desenvolvimento", que será oficialmente divulgado hoje pela Diretoria do Banco Mundial (Bird), o seu Vice-Presidente e economista chefe, Stanley Fischer, admitiu que os anos 80 foram, para América Latina, "uma década perdida em termos de crescimento".

— Foi uma década terrível para um continente importante — disse ele. E o futuro, de acordo com as considerações da Direção do Bird, parece não apresentar perspectivas muito animadoras. Afinal, como os bancos comerciais estão cada dia menos dispostos a fazer novos empréstimos, a previsão é de que caberá às instituições financeiras multilaterais — como o Bird e o Fundo Monetário Internacional (FMI) — a maior parcela dos financiamentos.

Hoje, 63% do dinheiro que vai para os países endividados saem dessas instituições. Só que agora, com os movimentos de liberação do Leste Europeu, a previsão é de que aumentarão os interessados em consumir fatias desse mesmo bolo.

— Essas mudanças na Europa são muito importantes. E não há dúvidas de que a atenção do Mundo vai se deslocar da América Latina para o Leste Europeu — reconheceu Fischer.

O primeiro sinal dessa mudança de enfoque foi antecipado pelo próprio Diretor do Bird. Embora dissesse que não se espera uma retração nos empréstimos dessa instituição aos latino-americanos, ele revelou que o Banco Mundial já está considerando a possibilidade de dar assistência técnica a países do Leste Europeu que sequer são membros do Bird. A maior esperança para o Brasil e demais devedores, segundo a Diretoria do Banco Mundial, continua sendo o Plano Brady, que, por enquanto, só foi aplicado a três países (México, Filipinas e Costa Rica).

Os primeiros resultados até aqui

Dívida da América Latina

Brasil e México têm as maiores dívidas externas da América Latina: US\$ 112,7 bilhões e US\$ 102,6 bilhões, respectivamente. As situações dos dois países são semelhantes: o Brasil tem 75,2% de sua dívida nas mãos de credores privados, o México tem 76%; os valores do serviço anual também estão próximos, US\$ 30,4 bilhões contra US\$ 28,4 bilhões.

	TOTAL	DEVIDA A BANCOS PRIVADOS	SERVICO ANUAL	JUROS ANUAIS	DÍVIDA/PIB
Argentina	61,9	74,3%	14,7	9,0	60,5
Bolívia	5,8	12,2%	1,0	0,4	135,5
Brasil	112,7	75,2%	30,4	17,4	30,7
Chile	18,5	68,8%	4,5	3,1	96,6
Costa Rica	4,6	47,4%	1,4	0,4	100,0
Equador	11,9	51,1	3,9	1,6	113,3
Honduras	3,4	22,3	0,7	0,3	81,9
México	102,6	76,0	28,4	16,3	58,0
Nicarágua	8,6	19,6	1,5	0,6	0,0
Peru	19,9	43,0	4,4	1,1	47,3
Uruguai	4,5	79,1	1,1	0,6	50,1
Venezuela	34,1	94,7	11,9	5,8	57,7

FONTE: Bird

foram pouco animadores. E, por isso mesmo, a Diretoria do Bird está tratando de dizer aos interessados que não esperem muito desse programa. Ele seria um meio para se chegar à uma solução do problema, e não a própria solução — como muita gente imaginava.

O extremo pessimismo expressado por alguns observadores da nova estratégia não é justificável. Mas, igualmente não há razão para um otimismo excessivo quanto à uma rápida solução para as dificuldades dos países em desenvolvimento com relação à sua dívida externa. O momento, na verdade, é de realismo — advertiu Stanley Fischer.

E esse "realismo" só tem uma tradução possível, de acordo com os técnicos do Banco Mundial: cada país deverá, daqui por diante, tratar de seus problemas por si só. Como o financiamento externo será menor, o jeito será encontrar meios de aumentar a poupança externa e, sobretudo, ordenar a economia de tal forma que os investidores

internacionais se sintam atraídos em aplicar seu capital nesse país.

Além disso, só depois que forem corrigidos as falhas internas é que os endividados poderão optar pelo Plano Brady — menos para conseguir dinheiro novo, e mais para obter uma considerável redução do estoque de sua dívida. Segundo Fischer, muitos dos países potencialmente elegíveis para obter um apoio oficial para a redução da dívida e de seu serviço ainda não fizeram um progresso necessário nos ajustes internos, sendo que o caso brasileiro é um dos exemplos mais visíveis.

Não há, na prática, uma grande novidade nos números da dívida externa dos países em desenvolvimento que hoje serão divulgados pelo Banco Mundial. Eles refletem uma realidade que os endividados já sentem há algum tempo na própria pele. Por exemplo: prevê-se que o Produto Interno da América Latina terá crescido apenas 1,2% este ano. Ou seja, 0,8% abaixo do índice de crescimento da população. Isto significa que

1989 entrará para a história como mais um ano de crescimento negativo (leia-se "falta de crescimento") per capita.

O relatório do Banco Mundial diz que a má performance geral da América Latina é grandemente influenciada por três países — Argentina, Brasil e Peru — que passaram por um desassossego político e incertezas econômicas. O total da dívida dos países em desenvolvimento em 1989 está projetado para ser US\$ 1,165 trilhão. O que significa US\$ 10 bilhões acima do nível de 1988. Por outro lado, as operações de redução de dívida atingiram um total de apenas US\$ 14 bilhões.

De acordo com o relatório, o estouro da dívida cresceu pouco este ano devido especialmente ao fato de ter havido um aumento significativo de empréstimos oficiais de organismos multilaterais e fontes bilaterais. Os empréstimos líquidos de bancos comerciais terão um índice levemente negativo, já que os pagamentos da dívida excederam os desembolsos dos bancos.